

JOÃO PEDRO DE ANDRADE

(Ponte de Sor, 13/03/1902 – Lisboa, 13/02/1974)

João Pedro da Conceição adoptou o apelido da mãe, Freire de Andrade, fixando o nome literário João Pedro de Andrade. Foi dramaturgo, ensaísta, tradutor, crítico literário, de cinema e de teatro.

João Pedro de Andrade começa a trabalhar no jornal *O Século*, quando, ainda muito jovem, chega à capital com a família. Conclui o curso nocturno de contabilidade do Instituto Comercial de Lisboa e, terminados os estudos, ocupa o lugar de guardalivros numa firma em Santiago do Cacém, onde irá viver parte da sua vida, desde os 21 aos 43 anos de idade. No exercício da sua profissão chega a chefe de contabilidade da companhia Amoníaco Português (Almeida 2004). Apesar do emprego, João Pedro de Andrade manterá a actividade de escritor e a sua ligação à literatura e ao teatro será duradoura, conservando ao longo da vida uma íntima relação com as letras portuguesas, quer pela via da crítica e do ensaio, quer pela via da criação, na qual se destaca o teatro.

A aproximação de João Pedro Andrade à literatura começa pela poesia, publicando o seu primeiro poema *Beatrice* na *Trova Popular*, em 1921, e o seu primeiro e único livro de poesia *Castelos...*, em 1923 (Lisboa, Minerva Lisbonense). No *Domingo Ilustrado*, em 1926, publica o conto «Torturados» e a produção do contista prolonga-se até 1964, cessando com «A vida e morte de Anastácio Godinho», editado em *Ecos da Forja* (Almeida 2004: 15-16). A vocação de dramaturgo manifesta-se aos vinte e três anos, quando envia a peça *Noite negra* (em 3 actos, hoje perdida) à «Crítica de inéditos» do suplemento Notícias Teatral do *Diário de Notícias*, na mesma altura em que redige *O lobo e o homem*, mais tarde refundida. *Os que hão-de vir*, de 1951, será a última criação de João Pedro de Andrade no campo da dramaturgia, deixando cerca de dezoito peças, embora muitas permaneçam inéditas e poucas tenham sido representadas.

Com singular dedicação ao teatro, João Pedro de Andrade compõe *A ave branca* (1927), *Continuação da comédia* (1931), *A glória dos Césares*, *Eva e sua filha* (ambas de 1933), *Adolescente* (1935), *A outra face da vida* (1934) e *Cegos* (1937), sendo esta última representada por alunos de Araújo Pereira, no Conservatório Nacional. Só em 1939 consegue publicar, pela primeira vez, uma das suas peças, quando *Continuação da comédia* é editada na revista *presença-folha de arte e de crítica*, fundada e dirigida por João Gaspar Simões, Branquinho da Fonseca e José Régio, tendo o apoio entusiasta deste último. A estreia editorial corresponde, segundo Luiz Francisco Rebello, ao «primeiro sinal da presença de Pirandello no teatro (escrito) português» (Rebello 1999: 6), sendo de notar a relação entre o ano da redacção da peça com a visita do autor italiano a Lisboa em 1931.

Em 1941, *Transviados* (1934) e *Uma só vez na vida* (1937) saem do prelo, acompanhadas por um «Estudo crítico» de José Régio que, em divergência com o movimento neo-realista, aproxima o dramaturgo do ideário presencista, proclamando a defesa da «originalidade» e da «autenticidade» em detrimento da arte como veículo de um programa político. Na análise das peças, o poeta louva o respeito do autor pela complexidade humana e vislumbra «que mais seduz João Pedro de Andrade agitar

problemas, convidar à reflexão ou até ao sonho, apresentar aspectos da paisagem humana, meditar e sonhar ele próprio perante ela – do que impor um juízo, agarrar-se a uma tese, infligir uma solução única» (Régio 1941: 271).

A «paisagem humana» de que falava Régio é enquadrada pelo naturalismo, uma linha estética que continua a explorar em *Maré alta* (1947), *Barro humano* (1948), *O diabo e o frade* (1950) e, ainda, na peça *A aventura dum grande actor* (1950), inspirada numa novela de Serge Basset sobre o actor Frederic Lemaître, escrita para João Villaret. No entanto, foi em *Continuação da comédia* que, pela primeira vez, se verifica «a intromissão do fantástico no teatro de João Pedro de Andrade» (Rebello 1999: 7), marcando a sua abertura ao modernismo, cujas linhas irá desenvolver em outras peças um acto: *Quatro ventos* (1945), *O saudoso extinto* (1947), *A inimiga dos homens* e *Os que não-de vir* (ambas de 1951). Maria Helena Serôdio irá reconhecer-lhe a «disponibilidade para um certo experimentalismo, sem com isso hipotecar algumas das mais seguras razões estruturantes da sua escrita: a observação atenta do humano, a crítica às hipocrisias sociais, a reflexão sobre a possibilidade dos afectos e da compreensão na relação amorosa» (Serôdio 2004: 102).

Além das peças acima mencionadas, João Pedro de Andrade ainda vê publicada *O saudoso extinto* (revista *Ver e Crer*, 1945), mais tarde incluída na colectânea *Teatro Estúdio do Salitre 50 anos* (editada em 1996 pela SPA- D. Quixote para celebrar o meio século da fundação daquele grupo experimental). Acrescentam-se *Cegos*, *A inimiga dos homens* (esta precedida da sua novela *Hora secreta*; ambos os livros saíram pela Imbondeiro, em 1963) e *O diabo e o frade* (galardoada com o 1º prémio do concurso teatral de Sá da Bandeira, também em 1963, e dada à estampa no mesmo ano pela Minerva). Depois da sua morte, a publicação das *Obras completas* pela editora Acontecimento irá abranger quatro volumes de Teatro: vol. I – *Maré alta/Quatro ventos*; vol. II – *Continuação da comédia/Barro humano*; vol. III – *A inimiga dos homens/Eva e sua filha*; vol. IV – *O lobo e o homem/A glória dos Césares* (respectivamente de 1998, 1999, 2000 e 2002). O dramaturgo deixará dois manuscritos incompletos: dois quadros de *Vida transitória* (1957) e a farsa *Um país glorioso* (1963).

A intervenção da Censura terá sido, em grande parte, responsável pela diminuta presença das obras do dramaturgo nas salas de espectáculos. Sabe-se, por exemplo, que *Transviados* e *O lobo e o homem* foram objecto de atenção de Robles Monteiro, que tencionava levá-las ao palco do Teatro Nacional D. Maria II em 1946 e 1947, sendo porém proibidas (Almeida 2004: 19). E João Pedro de Andrade só não será um dramaturgo ignorado graças à persistência de alguns grupos que, à margem da produção comercial, persistiam no desbravar de novos caminhos da criação teatral e insistiam em revelar os dramaturgos nacionais. É o caso do Teatro-Estúdio do Salitre, dirigido por Gino Saviotti, Luiz Francisco Rebello e Vasco Mendonça Alves, que revela trinta e uma peças de autores portugueses, muitas delas inéditas, e cujo êxito demonstrou que era «possível existência de um outro teatro, para além do que nos palcos originais se representava» (Rebello 1996: 24). *O saudoso extinto* integra o 2º espectáculo «essencialista» do Estúdio do Salitre, em 1947, enquanto *Maré alta*, que deveria ser apresentado no 6º espectáculo «essencialista», é proibida pela censura, «assustada com a “ousadia” de pôr em cena a partilha de uma mulher, acordada entre dois homens que com ela vivem numa ilha deserta» (Rebello 1999: 6). Também os Companheiros do Pátio das Comédias, grupo constituído por Costa Ferreira, Jorge de Sena, Tomás Ribas, António Pedro, entre outros, conseguem acolher uma peça de

Andrade e, em 1948, apresenta *Continuação da comédia*, que terá uma versão televisiva da RTP, exibida em 1957, e uma versão radiofónica de Eduardo Jacques, transmitida na Emissora Nacional, em 1973). Na Sociedade Guilherme Cossoul regressa, em 1950, *O saudoso extinto*, com encenação de Fernando Gusmão e, em 1951, o próprio autor encena *A inimiga dos homens*, posteriormente realizada para a RTP por Jaime Campos, em 1988. Por fim, assinalem-se mais duas encenações de peças do autor de que temos notícia: uma do Teatro d'Ensaio, que apresentou *Continuação da Comédia*, em 1960; a outra do Teatro d'O Semeador de Portalegre, que levou à cena *Maré alta*, em 2003.

Enquanto tradutor, João Pedro de Andrade verte para a língua portuguesa dezenas de obras de autores como Albert Camus, André Gide, Marcel Aymé, Gustave Flaubert, Claude Roy, Honoré de Balzac, entre outros. No seu ofício de crítico de teatro, Andrade deixa um testemunho fundamental sobre o teatro de Lisboa, sobretudo dos anos quarenta e cinquenta, em artigos que escreve para vários periódicos – *O Diabo* (1939-1940), *Seara Nova* (1940-1950), *Diário de Lisboa* (1946-1947), *Diário Popular* (1954-1958) e *O Comércio do Porto* (1951-1962). Nas suas análises dos espectáculos e dos textos, pautadas pelo rigor e pela isenção, além de problematizar a estagnação do panorama teatral da sua época, «o autor demonstra conhecimento das linguagens várias que atravessam a cena, tendo o cuidado de confrontar não apenas o texto e o palco, mas também o espectáculo com o tempo em que ocorre e com os trabalhos da companhia ou dos artistas nele implicados» (Serôdio 2004: 18). Miguel Real contabiliza cerca de 270 recensões críticas, das quais cerca de um terço são dedicadas a peças de teatro publicadas ou representadas, e distingue alguns dos ensaios sobre teatro – «Meio século de dramaturgia nos palcos portugueses», «Alguns momentos da dramaturgia» e «Teatro para o público» –, editados no periódico *O Comércio do Porto* e integrados no segundo dos três volumes de *Estrada Larga*, organizados por Costa Barreto (Real 2004: 113).

No campo dos estudos, evidencia-se o importante livro *Raul Brandão: A obra e o homem* (1963), em que João Pedro de Andrade oferece uma extensa e profunda compreensão da complexidade da obra e da personalidade do criador de *Húmus*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, João Marques (coord.) (2004). «Introdução-João Pedro de Andrade-Breve perfil de um homem só» in *João Pedro de Andrade, centenário do nascimento (1902-2002)*. Actas das conferências, Outubro 2002-Março 2003. Lisboa: Hemeroteca Municipal.

REAL, Miguel (2004). «João Pedro de Andrade ensaísta – ponte e precursor», in João Marques de Almeida (coord.). *João Pedro de Andrade, centenário do nascimento (1902-2002)*. Actas das conferências, Outubro 2002-Março 2003. Lisboa: Hemeroteca Municipal.

REBELLO, Luiz Francisco (1996). «Para a história do Teatro-Estúdio do Salitre», in AA.VV., *Teatro-Estúdio do Salitre: 50 anos*. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Autores/Publicações D. Quixote.

____ (1999). «Prefácio» in João Pedro de Andrade. *Obras completas. Teatro II - Continuação da comédia e Barro humano*. Lisboa: Acontecimento.

RÉGIO, José (1941). «Estudo crítico de José Régio. Duas peças de João Pedro de Andrade» in João Pedro de Andrade. *Teatro*. Lisboa: Ed. Autor.

SERÔDIO, Maria Helena (2004a). «Introdução» in João Pedro de Andrade, *Obras completas. Reflexões sobre o Teatro Português*. Lisboa: Acontecimento.

___ (2004b). «João Pedro de Andrade: alguns traços do seu universo dramático» in João Marques de Almeida (coord.), *João Pedro de Andrade, centenário do nascimento (1902-2002)*. Actas das conferências, Outubro 2002-Março 2003. Lisboa: Hemeroteca Municipal.

Rita Martins

Sebastiana Fadda